

Giuliana GIUSTI. *Nominal Syntax at the Interfaces: a Comparative Analysis of Languages with Articles*.
Cambridge. Cambridge Scholars Publishing.
2015. 235 pp.
ISBN (10) 1-4438-8024-8

Ana Maria Brito
abrito@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Giuliana Giusti é professora de Linguística na Universidade de Ca'Foscari de Veneza e a sua investigação tem como principal foco a sintaxe comparada das expressões nominais. O livro *Nominal Syntax at the Interfaces: a Comparative Analysis of Languages with Articles*, de 2015, trata precisamente deste tema, baseando-se, sobretudo, em línguas europeias com artigos (com algumas incursões no Hebreu) e deixando de lado as línguas sem artigos. Trata-se de um livro difícil e exigente e que pressupõe o conhecimento da bibliografia fundamental nesta área; a sua leitura é apenas facilitada por algumas sínteses fecundas que aparecem um pouco por todo o livro, em particular na Introdução, no final do capítulo 2 e nas Conclusões.

Uma das ideias principais do livro, exposta em várias ocasiões e em particular nas *Conclusões*, é a de que, e traduzo as palavras da autora, “os artigos definidos devem ser separados de outros determinantes uma vez que fazem parte da morfologia flexional do N, não sendo responsáveis pela interpretação definida. Por outras palavras, a presença ou ausência de artigos numa língua ou em dadas estruturas depende de propriedades flexionais quer do N[ome] quer do A[djetivo], ou de ambos numa dada língua” (p. 211). Outra ideia importante é a de que, uma vez que nas expressões nominais há traços flexionais não interpretáveis, a sua realização está relacionada com a interface sensorio-motora e não com a interface concetual-interpretativa, como é o caso dos outros determinantes (p. 211).

Sendo estas propostas polémicas e afastadas de concepções clássicas sobre o artigo definido, é importante perceber como Giusti vai construindo as ideias centrais do livro.

Depois de uma breve Introdução, no capítulo 1, intitulado *Some Basic Tools of Analysis*, a autora apresenta o enquadramento teórico e metodológico de todo o livro, explicitando os fundamentos do Programa Minimalista. A forma da gramática, a interação entre categorias lexicais e categorias funcionais, a ideia de economia e de interpretação plena, a discussão acerca da estrutura da frase, tendo em conta a posição variável do verbo e dos advérbios, a estrutura das expressões nominais, em particular a existência de diferentes tipos de adjetivos, tudo isto é apresentado e discutido de forma elegante e concisa. Deste capítulo, resulta a convicção de algumas semelhanças entre frases e expressões nominais, mas também de inúmeras diferenças. Apesar de ser o ponto de partida dos capítulos seguintes, o capítulo vale por si só e constitui uma boa introdução à sintaxe das expressões nominais e frásicas, que eu aconselharia com gosto aos meus estudantes de *Sintaxe Comparada*, do 3º ciclo em Ciências da Linguagem, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

No capítulo 2, *Articles at the Interfaces*, o capítulo central do livro, a autora discute várias aproximações das expressões nominais, em particular das expressões nominais definidas, e vai começando a desenvolver o seu tratamento alternativo. Vale a pena acompanhar de perto a apresentação que faz de algumas dessas concepções.

A tradição semântica sobre esta matéria é marcada pela perspectiva de Frege, e mais tarde de Russell, que assenta na noção de ‘descrição definida’ e de acordo com a qual as descrições definidas são uma parte especial das expressões quantificadas. Um exemplo típico de expressão definida é representado por um N próprio, como em (1) ou por um SN com artigo definido como em (2):

(1) Peter frowned.

(2) The girl is happy.

De acordo com Frege, tanto as expressões definidas em (1) e (2) como os demonstrativos e os pronomes pessoais são caracterizados pela existência de um operador *i*(ota), isto é, um índice referencial; a partir da existência

desse operador é possível propor que *the* é uma das suas expressões. Mas basta comparar (1) e (2) com (3), em Inglês (e noutras línguas):

(3) The whale is a mammal

para se concluir que o artigo, além de poder exprimir a definitude, pode ter um valor genérico. Logo na p. 56 deste capítulo, Giusti afasta-se da conceção estreita de Frege-Russell sobre artigo definido e vai sugerindo que o artigo definido *the* em inglês e noutras línguas é um meio sintático de tornar uma porção da estrutura sintática visível para operações de *spell-out*, não identificando o artigo com o operador iota.

A outra conceção importante é a de Abney (1987), que será desenvolvida de forma forte por Longobardi (1994). Abney põe em causa a noção tradicional de SN (Sintagma Nominal), como tendo como núcleo o N, atribuindo aos determinantes o estatuto de núcleo (funcional) da projeção SD (Sintagma Determinante). Os determinantes estão localizados em D, a parte funcional das expressões nominais. É a chamada “DP hypothesis”, esquematizada em (4):

(4) [_{SD} [D' [D] [_{SN} [N' [N]...]]]]

Desenvolvendo Abney, Longobardi (1994) propõe que uma expressão nominal referencial é um SD e é no seu núcleo funcional, D, que reside a referência. Giusti sintetiza o trabalho de Longobardi nas pp. 60 e 61 do seu livro. Compare-se os nomes próprios em Italiano e em Inglês:

(5) Gianna è contenta.

(6) Joan is happy.

À primeira vista, os nomes próprios ocupam a mesma posição nas duas línguas. No entanto, a posição dos adjetivos mostra que a posição não deverá ser a mesma:

(7) Old John came in.

(8) La sola Maria è arrivata.

(9) Maria sola è arrivata.

Segundo Longobardi, os exemplos mostram que em Italiano o N se deverá mover para D em sintaxe (em (9)), enquanto tal movimento é adiado para

FL em Inglês, como em (7). Em Italiano o movimento de N para D só pode ser adiado para FL se a posição de D estiver preenchida por um expletivo, sem valor semântico (como em (8)). Daí o seguinte parâmetro:

(10) N sobe para D (por substituição) em sintaxe em Italiano mas não em Inglês (Longobardi 1994: 641), citado em Giusti (2015: p. 60).

De uma certa maneira, as expressões genéricas, com nomes de espécie, representam a situação contrária à dos nomes próprios, uma vez que, em princípio, tais Ns não têm D e o N é o local da interpretação da espécie. É o que acontece em Inglês, com expressões genéricas plurais (cf. Giusti 2015: 61):

(11) Girls are always happy.

(12) Dogs have four legs.

Em Italiano, para que o N seja interpretado como N de espécie, um artigo expletivo deve surgir, como em (13) e (14):

(13) Le bambine sono sempre contente.

(14) I cani hanno 4 zampe.

Refira-se que o Italiano (e já agora o Português) pode também ter o artigo no singular como em (15), um valor que também pode acontecer em Inglês em frases do tipo de (16):

(15) Il cane ha quattro zampe.

(16) The dog has four legs.

Assim, para Longobardi a inserção de artigo é um “processo de último recurso”, em que os nomes de espécie apresentam um artigo expletivo como forma de evitar o movimento de N para D. Portanto, para este autor, o artigo, pelo menos em Italiano, tem três valores, um valor de operador iota e dois valores expletivos: um com N próprio (8) e que desencadeia movimento de N para D em FL e um valor de expletivo com Ns de espécie (13, 14), que impede o movimento do N para D, quer em Sintaxe quer em FL. Em Inglês, o autor considera também dois valores do artigo, um equivalente ao operador iota e outro expletivo, com Ns de espécie no singular (16), este inserido para evitar uma interpretação de nome massivo; quer dizer, em Inglês a inserção dos artigos expletivos teria duas razões muito distintas (p. 61).

Giusti enumera nas pps. 62-64 do livro as principais questões levantadas por este tratamento: (i) uma das questões relaciona-se com o tratamento dos expletivos: enquanto a nível frásico (*C'eranno bambine, There were girls*) o expletivo é coindexado com um SN pós-verbal que se move em FL para substituir o expletivo e apagar os seus traços não interpretáveis, no domínio das expressões nominais e no que se refere aos Ns de espécie em Italiano, o artigo expletivo seria inserido para impedir o movimento de N para D; e em Inglês para impedir uma interpretação de N massivo. Ora, não se percebe por que razão nos Ns de espécie o artigo expletivo é suprimido em FL e, se não for suprimido, por que razão o Princípio da Interpretação Plena não é violado (p. 63). (ii) A segunda questão relaciona-se com o estatuto de projeção máxima dos expletivos ao nível frásico (*ce, it, there*) e com o estatuto de núcleo dos artigos (p. 63); (iii) a terceira questão tem a ver com o facto de o Inglês, que é uma língua de morfologia pobre e, portanto, de legitimadores pobres, admitir operadores nulos existenciais (como em (12)) e em Italiano, língua de morfologia rica e que no domínio verbal legitima sujeitos nulos, precisar afinal de artigos expletivos nas expressões nominais em, pelo menos, dois tipos de contextos (p. 63); (iv) a quarta questão relaciona-se com as línguas sem artigos: será que estas línguas têm contrapartes nulas dos diferentes valores dos artigos? (p. 64); (v) a última questão relaciona-se com a variação interna às línguas (p. 64).

Esta última crítica é inteiramente justa. Na verdade, apesar de Longobardi ter apresentado (10) como um parâmetro diferenciador entre línguas românicas e germânicas, sabemos hoje que nestas línguas há meios distintos quanto à inserção de artigo com Ns comuns, nomes próprios e nomes de espécie: o Francês tem artigo partitivo para a interpretação existencial (*J'ai mangé des pommes*); o Alemão admite ocasionalmente artigos com Ns próprios (*der Hans ist gekommen, nicht Fritz*) e tem artigos definidos explícitos com nomes de espécie, como em *Der Wal ist ein Säugetier*, a baleia é um mamífero, entre outros factos. E há muita variação interna. Basta lembrar o caso do Português do Brasil, que, como estudado por Schmitt & Munn (1999) (trabalho aliás referido por Giusti), Müller & Oliveira (2004), Brito & Lopes (2016), entre outros, admite nomes contáveis no singular como argumento interno, como em (17) e nomes de espécie singulares em posição de sujeito, como em (18), entre outros fenómenos:

(17) Ele comprou computador.

(18) Criança briga uma com a outra.

Tudo isto mostra que o tratamento de Longobardi (1994), embora atraente, apresenta alguns problemas.

Uma outra abordagem é a de Chierchia (1998), que Giusti resume nas pps. 65-67, embora ilustrada com muito poucos exemplos. Chierchia distancia-se da visão longobardiana de que todas as expressões nominais em posição argumental são DPs, mas também não considera que todas as expressões nominais sem artigos sejam só um SN. De acordo com o autor, interessado sobretudo em perceber como se realizam as expressões nominais sem artigos em posição argumental, as línguas variam naquilo que uma expressão nominal pode denotar: nalgumas línguas um SN denota um predicado; noutras línguas um SN pode denotar um N de espécie ou um indefinido fraco; noutras línguas pode mesmo denotar expressões referenciais. De acordo com o *Nominal Mapping Parameter*, há três tipos de línguas conforme combinam os traços [+/-pred] e [+/-arg]. O Chinês combina [-pred +arg] e todos os Ns lexicais são massivos e não podem ser plurais, como em (19):

(19) Wò kànjìiàn xióng le (eu vi (alguns) ursos) (Chierchia 1998: 354)

Nessa língua todas as expressões nominais são puros SNs.

Nas línguas em que há distinção massivo / contável e que pluralizam os nomes contáveis, há duas situações: na combinação [+pred +arg] há artigos, como nas línguas germânicas, veja-se por exemplo (20):

(20) The apple is a fruit.

Mas pode não haver artigos, como nas línguas eslavas; veja-se (21a, b), exemplos do Russo; o mesmo acontecerá presumivelmente no Latim, ilustrado em (21c):

(21) (a) Яблоко фрукт (a maçã é um fruto)

(b) девушка красива (a rapariga é bonita)

(c) Puella pulchra est (a rapariga é bonita)

Nessas línguas temos SNs que contêm Nomes de espécie (21a) e indefinidos; e DPs definidos com D nulo (21b, 21c).

Na combinação [+pred -arg] projeta-se um DP em todas circunstâncias, havendo aqui dois tipos de línguas: línguas com determinante nulo para a interpretação existencial, como acontece em posição argumental em Italiano (22a) e línguas em que em idênticos contextos há artigos e quantificadores explícitos, como em Romeno (22b) e Francês (22c):

- (22) (a) Ho mangiatto mele (comi maçãs)
(b) Am mâncat (niște) mere.
(c) J'ai mangé des pommes.

O livro explora algumas consequências e predições destas três concepções (Frege /Russell, Abney / Longobardi e Chierchia) nas pp. 78-81. Uma das predições é a de que o artigo definido teria um significado comum nas línguas que o têm. Ora, vários autores têm mostrado que tal não se verifica: veja-se, entre outros, Matthewson (1998: 25), que, a partir de estudos de várias línguas, mostra valores distintos do artigo definido (citada por Giusti 2015: 78):

- (i) Inglês: definitude (mas também valor expletivo, como vimos acima);
(ii) Turco, Polinésio: especificidade;
(iii) Bella Coola (língua da comunidade de Bella Coola Valley, na Colúmbia Britânica, Canadá): visibilidade
(iv) St'at'ímcets (ou Lillooet, também falada na Colúmbia Britânica, Canadá): proximidade.

Outra das predições seria que quantificadores e artigos definidos ocupariam a mesma posição. Ora sabemos que afinal co-ocorrem em muitas línguas; veja-se os exemplos em (23) de co-ocorrência do Q universal e artigo definido (cf. Giusti 2015: 79):

- (23) (a) tutti i ragazzi (todos os rapazes) (Italiano)
(b) kol há-yeladim (todos os rapazes) (Hebreu)
(c) all the boys (todos os rapazes) (Inglês)
(d) tákem i smelhmúlhats-a (todas as mulheres) (St'at'ímcets)

Por outro lado, demonstrativos e artigos definidos deveriam ter distribuição complementar; mas também sabemos que eles podem co-ocorrer em certas línguas (24) (Giusti 2015: 79):

- (24) (a) baiutul acesta (aquele rapaz) (Romeno)
 (b) El noi aquest (aquele rapaz) (Catalão)
 (c) an fear seo (aquele rapaz) (Irlandês)
 (d) ez a fiú (aquele rapaz) (Húngaro)
 (e) afto to pedi (aquele rapaz) (Grego)
 (f) to pedi afto (aquele rapaz) (Grego)

Também em Espanhol há esta co-ocorrência (veja-se Brugè (1996) e a síntese que desse estudo faz Carvalho (2011: 54)):

- (25) (a) El chico alto este/ese vive cerca de casa.
 (b) El libro (viejo) este suyo de sintaxis no me convence.

E mesmo em Português Mória (1993: 2) indica que este tipo de exemplos pode ocorrer “em certas regiões do sul de Portugal” (também referidos em Carvalho 2015: 60):

- (26) (a) E o tempo este que não melhora!
 (b) O livro este que nunca mais acaba!

Finalmente, de acordo com a autora, nenhuma das concepções expostas é verdadeiramente capaz de explicar o fenómeno de “definitude dupla” ou de “determiner spreading”, isto é, a existência de línguas com duas expressões do artigo definido na mesma expressão nominal (ver os exemplos de Giusti da p. 80):

- (27) (a) **det** store **huset** (a casa grande) (Norueguês)
 (b) pul’i’l’i nitsl’i (os pequenos pássaros) (Arvantovlaxika, um dialeto romeno falado na Macedónia grega)
 (c) **ha**-dira **ha**-gdola (o grande apartamento) (Hebreu)

De acordo com Giusti (ver em particular, pp. 78, 80), estes e outros fenómenos põem em causa que o artigo definido (os pronomes, outros quantificadores e determinantes) sejam sempre núcleos funcionais das expressões nominais em Sintaxe; mostram que a mais alta categoria funcional numa expressão nominal não tem forçosamente de ser D; e que os determinantes não são uma classe homogénea.

Em síntese, de acordo com Giusti, ao contrário do que é comumente aceite, os artigos e o que se chama muitas vezes D, o núcleo de SD, não é portador de referência. Nesta perspetiva, o que se propõe é que o operador iota, o demonstrativo, o pronome pessoal, um N próprio, ocupem o mesmo

lugar na estrutura, a posição de especificador de DP, e que os artigos sejam a realização overt de um traço funcional, de caso abstrato. Se tal traço for realizado de outro modo, o artigo não precisa de ser realizado em D (ver a estrutura em (28)). De acordo com o Princípio de Economia, em certas línguas nunca é realizado, enquanto noutras é realizado nalguns contextos sintáticos (ver pp. 56-7 do livro):

(28)	DP
	\wedge
Operador i	D'
Demonstrativo	\
Pronome pess.	D
N próprio	(artigo)

No cap. 3, *On Feature Sharing and Feature Spreading*, a autora considera, na linha do Programa Minimalista, que a operação *Merge*, *Compor*, é responsável por dois tipos de relação: seleção (de argumentos) e modificação; contudo, propõe que a partilha de traços no interior de categorias nominais e fráscas não é o resultado de um único processo sintático, mas sim de três processos: *Agree* (Acordo), *Concord* (Concordância) e *Projection* (Projeção).

O Acordo é o processo pelo qual um argumento, uma fase, na conceção chomskiana, selecionado por um núcleo, reentra na computação, em geral por movimento, como parte do predicado de uma nova fase. Nesta operação, são sobretudo os traços de pessoa que são relevantes. É o que acontece, por exemplo, em Húngaro, em que o possuidor recebe o caso nominativo e o possuído é flexionado em traços de pessoa e número do possuidor:

(29)	az en	kalapom (o meu chapéu)
	o 1 ^a P nom	chapéu1 ^a P nom

Giusti desenvolve este tipo de análise para outras línguas (Búlgaro, Checo, Romeno, Hebreu e mesmo para os possessivos em Italiano), defendendo que há um processo de Acordo de traços de pessoa, embora tais traços possam não ter uma realização explícita como no Húngaro (pp. 86-104).

O processo de Concordância copia os traços do N (de Género, Número, Caso), operando geralmente entre modificadores, por exemplo adjetivos, e categorias modificadas, a parte nominal das expressões nominais, podendo coexistir com o Acordo (pp. 104-106).

A Projeção é desencadeada por operações múltiplas de Compor interno (movimento) do núcleo, sendo que, no caso das expressões nominais, o movimento do N não é mais do que a realização de segmentos do N movido (“remerged”). No subcapítulo dedicado à Projeção (pp. 116-126), a autora propõe que o que é normalmente chamado categoria funcional é um segmento de um núcleo “scattered” (disperso), como é o caso dos artigos, dos complementadores e de algumas preposições ou de um tipo de indexical, como os pronomes. Assim, o paradigma do N é disperso em Inglês (*the ... child*) e em Italiano (*il ... ragazzo*), mas não em Romeno (*baiatul*). O artigo é a contraparte do morfema de Caso e o Inglês e o Italiano teriam uma distinção partitivo / não partitivo, em que o artigo é a realização do não partitivo, que ocorre quando a expressão nominal tem um indexical não explícito a veicular a interpretação referencial (p. 119).

No capítulo 4, *On the Different Nature of the So-called Determiners*, a autora compara os artigos com quantificadores, com demonstrativos, com possessivos, com pronomes pessoais e com Ns próprios, para propor que os traços exibidos pelos artigos são morfologia nominal (Caso, Número, Género, nas línguas europeias) e que os artigos não têm traços semânticos inerentes. Como já se viu acima, os demonstrativos, os pronomes pessoais, os nomes próprios são indexicais em várias línguas. Os possessivos são fases independentes e contribuem para a especificação do referente da expressão nominal por *Agree* e por *Merge* em relação a traços de Pessoa, numa posição de especificador de uma projeção alta. A análise reforça a distinção entre todos estes constituintes e os artigos definidos, considerados os verdadeiros núcleos funcionais, porque são um segmento do núcleo nominal “scattered” (disperso) e são a pura realização de morfologia nominal.

O cap. 5, *Articles as Scattered Ns*, desenvolve a ideia de artigos como Ns dispersos e mostra que as noções de Concordância e de Projeção podem dar conta de quatro fenómenos aparentemente não relacionados: o artigo enclítico como pronominalizador em Romeno (*fratele bun*, o irmão bom) (pps. 166-174); o artigo proclítico em Italiano, como em construções de elipse nominal (*Ho tenuto il tavolo vecchio e ho dato via il nuovo*, eu guardei a mesa antiga e dei a nova) (pps. 174-181); a dupla definitude nas línguas escandinavas, como no Norueguês (*det store huset*, a casa grande) (pps. 181-184); e a inserção de artigos como marcadores de caso oblíquo

em Alemão (veja-se *Ich ziehe Kaffee **dem**_{DAT} Tee vor*, eu prefiro café a chá), que contrasta com a ausência de artigos com nomes massivos, como em *Ich trinke gern Kaffee*, (eu gosto de tomar café) (pp. 184-188).

No cap. 6, *Articles as Adjectival Concord*, é proposto que muitas vezes o artigo é inserido para realizar a Concordância entre A e N. Assim, o capítulo mostra que as noções de Concordância e de Projeção interatuam para produzir três efeitos aparentemente não relacionados com a flexão adjetival: é o que acontece com os chamados artigos adjetivais, como em muitas línguas dos Balcãs (veja-se *djali i mirë*, o rapaz o lindo, o lindo rapaz, Albanês) (pp. 189-202); a flexão de *quel* e *bel* em Italiano seria também efeito da presença de artigo como parte da morfologia nominal dispersa (veja-se *quel vicino / **quegli** amici / **quei** vicini* e também *bel mare, **begli** occhi, **bei** soli*) (pp. 202-206). Finalmente, de acordo com a autora, o A em Alemão seria sempre não flexionado, mas a sua flexão (forte ou fraca) enquanto adjetivo adnominal seria o resultado de segmentos do N disperso, como em *die sympatische Frau / **eine** sympatische Frau*, a / uma mulher simpática) (pp. 206-210).

O livro termina com as Conclusões, abundantes referências bibliográficas e um índice temático.

Estamos pois perante um livro exigente e extremamente inovador, baseado num conhecimento teórico e das gramáticas das línguas descritas verdadeiramente excecional, e que, a partir da data da sua publicação, constitui, sem dúvida, uma obra de referência imprescindível para todos os que se interessam pela sintaxe e semânticas das expressões nominais numa perspetiva comparada.

REFERÊNCIAS

- Abney, Steven P. 1987. *The English Noun Phrase in its sentential aspect*. PhD Diss., MIT.
Brito, Ana Maria & Ruth Lopes. 2016. The structure of DPs. In Wetzels, W. Leo, João Costa & Sergio Menuzzi (Eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*, First Edition. Oxford: John Wiley & Sons, Inc.: 254-274.

- Brugè, Laura. 1996. Demonstrative movement in Spanish: A comparative approach. *University of Venice Working Papers in Linguistics*. Vol. 6, n.1: 1-53.
- Carvalho, Joana. 2011. A posição sintática do demonstrativo em PE, *eLingUp*, Volume 3, número 1, 2011, file:///C:/Users/PC/Downloads/article_4%20(2).pdf
- Chierchia, Gennaro. 1998. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language Semantics* 6: 339-405.
- Longobardi, Giuseppe. (1994) Proper Names and the Theory of N-movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, 25, 4: 609-665.
- Matthewson, L. 1998. *Determiner Systems and Quantificational Strategies: Evidence from Salish*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- Móia, Telmo, 1993. Sobre o lugar dos Demonstrativos na Arquitectura Semântica do Sintagma Nominal (2ª versão, revista). <http://www.fl.ul.pt/dlgr/pessoais/tmoia/tmoiademonstrativos1993.pdf>
- Müller, Ana & Fátima Oliveira. 2004. Bare nominals and number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3: 9-36.
- Schmitt, Cristina & Munn, Alan. 1999. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare Nouns in Brazilian Portuguese, In *Proceedings of NELS 29*.